E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

A ESCOLA COMO LUGAR DE PRODUZIR NOVOS AMANHÃS: questões para pensar o nosso tempo a partir do encontro entre arte, educação e crianças

Daniel Bruno Momoli[1]

Resumo: Este texto apresenta um conjunto de reflexões sobre a educação gerado a partir do encontro entre um grupo de estudantes de um curso de Licenciatura em Artes Visuais de uma instituição de educação superior da região sul do país, as práticas artísticas e crianças que frequentavam o ensino fundamental, no ano de 2023, em uma escola pública de educação básica. As questões trazidas ao texto emergiram de uma ação que tinha por interesse a construção de conhecimentos coletivos sobre a escola e a docência em uma prática de integralização da extensão em cursos de graduação. Esse entrelaçamento entre universidade e escola permitiu a mobilização de elementos que apontam para três aspectos que oferecem pistas para pensar a docência no tempo de hoje: o entendimento que crianças sabem mais coisas do mundo do que somos capazes de reconhecer; o diálogo com as crianças enquanto possibilidade de afirmação de si mesmas; a percepção sobre o mundo. A partir dessas três elaborações, entende-se que, na atualidade, ao ser abordado o tema da educação, é necessário deslocar o olhar das e dos estudantes da licenciatura em relação ao campo da educação, para desnaturalizar afirmações recorrentemente associadas ao trabalho educacional e, por fim, a necessidade de abertura, pela escuta, pelo diálogo, pela atenção ao outro para que sejamos capazes de imaginar novos amanhãs, pois a escola é um lugar em que um futuro está sempre por vir.

Palavras-chave: Docência. Escola. Universidade. Arte

A SCHOOL AS A PLACE TO PRODUCE NEW FUTURES: aspects for thinking about our time based on the encounter between art, education and children

Abstract: This text presents a series of reflections on education that emerged from a meeting between a group of students on a degree course in Visual Arts at a higher education institution in the south of the country, artistic practices and children attending elementary school, in 2023, in a public elementary school. The questions raised in the text emerged from an action aimed at building collective knowledge about the school and teaching in a practice of integrating extension into undergraduate courses. This intertwining of university and school allowed for the mobilization of elements that point to three aspects that offer clues for thinking about teaching today: the understanding that children know more about the world than we are capable of recognizing; dialogue with children as a possibility for self-affirmation; perception of the world. Based on these three elaborations, it is understood that nowadays, when the subject of education is approached, it is necessary to shift the gaze of undergraduate students in relation to the field of education, to denaturalize statements recurrently associated with educational work and, finally, the need for openness, through listening, dialogue, attention to the other so that we are able to imagine new futures, because school is a place where a future is always to come.

Keywords: Teaching. School. University. Art.

[1] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Licenciado em Artes pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Professor da Universidade Federal de Pelotas e coordenador do Núcleo Didático-Pedagógico do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG UFPel). É Vice-líder do Arteversa-Grupo de estudos e pesquisas em arte e docência (UFRGS/CNPq). E-mail: daniel.momoli@ufpel.edu.br.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

LA ESCUELA COMO LUGAR DE PRODUCCIÓN DE NUEVOS FUTUROS: aspectos para pensar nuestro tiempo a partir del encuentro entre arte, educación y niños

Resumen En este texto se presenta un conjunto de reflexiones sobre la educación que surgieron a partir de un encuentro entre un grupo de estudiantes de la licenciatura en Artes Visuales de una institución de educación superior en el sur del Brasil, las prácticas artísticas y los niños que cursaron la escuela primaria en 2023 en una escuela pública. Las cuestiones planteadas en el texto surgieron de una acción destinada a construir un conocimiento colectivo sobre la escuela y la didáctica en una práctica de integración de la extensión en los cursos de licenciatura. Ese entrecruzamiento de universidad y escuela permitió la movilización de elementos que apuntan a tres aspectos que ofrecen pistas para pensar la didáctica hoy: la comprensión de que los niños saben más sobre el mundo de lo que somos capaces de reconocer; el diálogo con los niños como posibilidad de afirmación de sí mismos; la percepción del mundo. A partir de estos tres aspectos, se entiende que hoy en día, cuando se aborda el tema de la educación, es necesario desplazar la mirada de los futuros docentes sobre el campo de la educación con el objetivo de desnaturalizar afirmaciones recurrentemente asociadas a la labor docente y, por último, la necesidad de abrirse a la escucha, a través del diálogo, a través de la atención al otro para que seamos capaces de imaginar nuevos mañanas, porque la escuela es un lugar donde siempre hay un futuro por venir.

Palavras-clave: Didáctica. Escuela. Universidad. Arte.

Abrir espaços para gerar novos encontros entre arte, educação e escola

A inquietação sobre a educação na atualidade mobiliza estudantes, docentes, pesquisadoras e pesquisadoras, pois lidamos com palavras que são movediças[2] . Embora exista, no contexto educacional, um conjunto de exemplos (livros, artigos, cursos...) que tente fixar uma certeza sobre a educação, a escola, a docência e os modos de ser docente, ainda assim, essas palavras nos escapam, porque o lugar em que se produz a educação (enquanto um direito humano inalienável e garantidor de cidadania) é a escola, um lugar vivo e pulsante. A inoperância de termos e palavras que tentam estabelecer uma definição única sobre a docência permite-nos fabular possibilidades. Assim, criamos histórias, narramos memórias e inventamos ações que acionam outras maneiras de pensar a escola, as aprendizagens e o trabalho docente. São com gestos como estes, que tenho me proposto a pensar sobre as relações que podem ser construídas entre a formação inicial de docentes e a educação básica.

Na tentativa de contribuir com a discussão sobre os conhecimentos da educação para

[2] Na escrita deste texto, optei por manter uma trama polifônica que se faz entre o eu e o nós, pois me vejo na bifurcação desses dois lugares de fala. Por vezes, sou eu, o autor/professor/pesquisador escrevendo sobre a formação de docentes; por outras, somos nós, da universidade, estudantes e professor que realizaram uma ação em uma escola de educação básica, para compreender a docência na/da atualidade. É a partir desse entrelaçamento - do eu e do nós-, que proponho as questões que considero necessárias para uma discussão sobre docência e educação básica, no contexto em que vivemos.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

pensarmos o nosso trabalho como docentes, pesquisadoras, pesquisadores e estudantes, inscrevo-me a partir do território das artes visuais, um espaço que se avizinha ao território da educação e cuja convivência é em parte conflituosa; por outra parte, é marcada por disputas e em uma constante espera (de ambas as partes) do que cada uma deveria fazer. Aqui não me proponho a revisar essa história, mas sou movido pelo interesse de descrever a forma como tenho habitado ambos os espaços - o da arte e o da educação-, no campo da formação inicial de docentes, em companhia da escola, no intuito de inventar novas formas de agir e novos modos de ser, ou como tenho dito, uma tentativa de produzir novos amanhãs. A maneira como tenho me movimentado entre esses dois territórios é uma estratégia para encurtar as distâncias entre educação superior e educação básica, universidade e escola, licenciatura e sala de aula. Para fazer isso, tenho me apoiado na Resolução CNE/CES nº 7/2018[3] , que estabeleceu as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (ou como temos chamado cotidianamente, a "curricularização da extensão").

O conjunto de reflexões sobre a educação aqui apresentado foi construído com base em uma ação extensionista que ocorreu entre agosto e setembro de 2023. A atividade envolveu crianças dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) de uma escola pública vinculada à rede estadual de educação do mesmo estado do Rio Grande do Sul e estudantes que estavam vinculadas e vinculados ao componente curricular denominado de "Artes Visuais em Educação I" de um curso de Licenciatura em Artes Visuais vinculado a uma instituição federal de educação superior situada no mesmo estado. As materialidades trazidas para o texto fazem parte dos "inventários das aprendizagens", realizado por três estudantes ao final daquela atividade[4].

[3] A Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação foi exarada com o intuito de regulamentar as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação e pós-graduação, na forma de componentes curriculares para os cursos, considerando-os em seus aspectos que se vinculam à formação dos estudantes, conforme previstos nos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDIs), e nos Projetos Políticos Institucionais (PPIs) das entidades educacionais, de acordo com o perfil do egresso, estabelecido nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e nos demais documentos normativos próprios. Para mais informações, ver:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192

[4] O "inventário de aprendizagens" é uma prática avaliativa que tenho utilizado em atividades que envolvem docentes em formação, para que elas e eles percebam-se como protagonistas de seus processos formativos. A atividade consiste em um "arquivo" (no sentido foucaultiano do termo) em que são articuladas as memórias pessoais, os deslocamentos gerados com as atividades e os desejos das alunas e dos alunos, enquanto estudantes de cursos de licenciatura.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Ao trazer tais fragmentos de escrita, busco colocar, em "visibilidade" (Deleuze, 2005), pistas produzidas coletivamente em uma prática que buscava pensar com professoras e professores em formação os desafios na/da docência na atualidade em que vivemos.

Nos últimos anos, tenho trabalhado com um tipo de procedimento investigativo que parte dos cotidianos da formação de docentes, da sala de aula, do espaço vivido por nós que nos dedicamos a essa complexa tarefa de formar professoras e professores, pois encontro, no dia a dia de meu trabalho, aspectos que me levam "bem além de todo o começo possível" (Foucault, 2010a, p. 5). Como descrito por Irwin (2013, p.19), "é uma Pesquisa Viva porque se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que pode não parecer relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas". Ao descrever as práticas que tenho realizado para fazer pensar as ações que são mobilizadas na minha prática de professor-formador, busco nas "metodologias artísticas de investigação em educação" (Loponte, 2018), estratégias que me permitam explorar temas e aspectos utilizando-me, para isso, de procedimentos oriundos dos saberes artísticos, para produzir significados pessoais e coletivos sobre os temas com os quais trabalhamos na área da educação. Essa gestualidade metodológica que tenho experimentado é amparada filosoficamente no pensamento do intelectual francês Michel Foucault, visto que é ele que permite olhar para os fatos e os objetos no nível em que eles foram ditos.

O texto é dividido em três partes. Inicialmente, descrevo a ação de encurtar as distâncias entre as docentes em formação e a escola. Na sequência, apresento a produção de saberes sobre a docência realizados com a escola, com as crianças e com estudantes de licenciatura em formação. Tal parte subdivide-se em três, pois me interessa destacar os três aspectos que emergem da ação realizada: o entendimento que crianças sabem mais coisas do mundo do que somos capazes de reconhecer; o diálogo com as crianças enquanto possibilidade de afirmação de si mesmas; a percepção sobre o mundo. Por fim, o texto de encerramento, que apresenta as considerações finais, traz elementos que buscam instigar outros movimentos que sejam capazes de gerar novas inquietações sobre as docências.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Encurtar as distâncias entre docentes em formação e a escola por meio das práticas artísticas

O interesse em abrir espaços para pensar diferentemente a docência na atualidade – desde o campo artístico -, não é uma tarefa que eu faço sozinho. Tenho pensado nesse tema ao lado de outras pesquisadoras e pesquisadores que integram o Arteversa- grupo de estudo e pesquisa em arte e docência, há quase uma década. Juntos, temos nos dedicado a pensar em como arte e educação podem aprender uma com a outra, sobre os modos de fazer-se, sem restringir-se a pensar "no ensino da arte", mas em como as práticas artísticas agenciam forças que podem favorecer o alargamento dos debates no campo da educação. Ao mesmo tempo em que pensamos no modo como as práticas pedagógicas auxiliam-nos a problematizar aquilo que tem sido chamado de arte e as discussões do campo artístico, tais como a relação "artista e público", os limites entre "arte e não arte", os vínculos entre "estética e política", apenas para citar alguns exemplos[5].

O interesse no encurtamento das distâncias entre universidade e escola, estudantes de licenciatura e a sala de aula, já me acompanha há algum tempo, pois me permite "trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se 'aproximar' dos objetos cognoscíveis" (Freire, 2021, p.28) que constituem a especificidade de nosso campo profissional: o trabalho docente. Porém, no ano de 2022, após a retomada das atividades educacionais presenciais, depois de dois anos do ensino remoto emergencial, em decorrência da situação sanitária que enfrentávamos no Brasil e no mundo, devido à pandemia da COVID-19, passei a dedicar-me em seguir pistas que permitissem ampliar as possibilidades de nosso imaginário pedagógico. Comecei a pensar em formas de "produzir novos amanhãs para a educação" (Momoli, 2023, p.205) , depois de perceber que o nosso pensamento tem sido povoado por palavras e sonoridades que tornam a escola um lugar inabitável, tais como: abandono, ruína, destruição, velha, cansaço, decadência, suja, feia, fria e um conjunto de outras expressões que multiplica dizeres que forjam imagens de escola e imagens de docência que afastam estudantes em formação inicial da escola.

A minha inquietação com tais palavras não tenta afastar desse léxico o componente político que nos permite compreender o modo pelo qual a ideia de escola tem sido associada ao

[5] Para saber mais informações sobre o grupo acessar: https://www.ufrgs.br/arteversa/.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

"fracasso" nas últimas décadas. As palavras, tal como dito por Michel Foucault, são "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (Foucault, 2010b, p.55). No atual contexto, há uma tentativa constante de diminuição do papel da escola em nossa sociedade, devido à imposição de uma agenda política e econômica, alinhada ao pensamento neoliberal, que entende a escola como uma instituição improdutiva e sem futuro. Ao interromper o fluxo de palavras alinhada a essa lógica de pensamento, busco colocar, tal como queria Foucault (2009, p. 221), a linguagem "o mais longe possível dela mesma" para provocar uma erosão em uma certa ideia de "escola fracassada" e "docência improdutiva", com o intento de provocar fissuras no tecido espesso que tenta envolver e imobilizar o pensamento das e dos docentes dos cursos de graduação para a formação docente.

Desde então, tenho me proposto a "reocupar" a escola e a docência, tendo, como inspiração ética-estética e política, os movimentos protagonizados pelas juventudes brasileiras entre os anos de 2016 e 2017, que ficaram conhecidos como " as ocupações secundaristas"[6]. Tal como Pelbart (2016, p. 1) descreveu, aquele movimento gerou uma "nova coreografia política, carreando uma atmosfera de grande frescor". Naquele período em que vivíamos no Brasil o início de uma desarticulação do direito à educação em virtude das reformas de Estado, entre elas, a reforma educacional – que ficou conhecida como o "novo ensino médio"-, por meio da Lei 13.415/2017 (Brasil, 2017) e da instabilidade democrática vivida com a interrupção do mandato de Dilma Rousseff[7], a ação das e dos estudantes secundaristas afirmava o papel das

[6] As "ocupações", como ficaram conhecidas as mobilizações organizadas por estudantes secundaristas, tiveram início ainda no final de 2015, com um movimento feito por estudantes das escolas públicas no estado de São Paulo em protesto à reestruturação da rede pública estadual de ensino. Após pouco mais de um mês da ação, o decreto que instituía a reorganização das escolas foi revogado. Em maio do ano seguinte (2016), as manifestações de estudantes ressurgiram e as/os estudantes passaram a ocupar escolas em vários estados do país com base em uma pauta que envolvia a oposição às políticas de precarização do ensino, a desvalorização dos salários de professores, o valor das passagens pagas por estudantes e a proposição de melhorias nos prédios escolares - além disso, em cada estado, os movimentos assumiram especificidades de pauta. Alguns meses mais tarde, entre outubro e dezembro de 2016, o movimento de estudantes brasileiros reacendeu, tendo, como prioridade, a oposição ao novo regime fiscal brasileiro que seria imposto pela Emenda Constitucional 95. A mobilização das e dos estudantes foi ainda maior e chegou à educação superior, cerca de 1.100 escolas foram ocupadas e mais de 220 unidades universitárias (considerando as universidades sede e seus variados *campus*). Para saber mais ver: Momoli (2022)

[7] Dilma Rousseff foi eleita duas vezes para a Presidência do Brasil. O seu primeiro governo ocorreu entre 2011 e 2014, quando foi reeleita para um novo mandato 2015-2018. A oposição de seu governo não reconheceu a legitimidade de um novo mandato e, no dia seguinte ao resultado, iniciou uma escalada pela deposição da primeira mulher eleita e reeleita para a Presidência do país. Ao final do primeiro ano do segundo mandato (dezembro de 2015), sem governabilidade, foi aceito, no parlamento brasileiro, um pedido de impeachment. Após a admissibilidade do pedido, a Câmara dos Deputados aprovou, em abril de 2016, o pedido, afastando-a provisoriamente de seu mandato. O processo seguiu para o Senado, onde ela foi julgada entre os dias 30 e 31 de

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

escolas a partir de seu intenso funcionamento por meio de assembleias, debates e festivais culturais, apenas para citar algumas das atividades que eram realizadas pelas e pelos estudantes.

O gesto de "ocupar" as escolas e as universidades – ao invés de fazer uma greve- foi uma forma contemporânea de ativismo produzido coletivamente pelas juventudes. Ao desafiar o momento que viviam, aquela prática política insurgente fez emergir uma micropolítica da subjetividade que foi capaz, de acordo com Rolnik (2016), de dissolver os pontos em que a vida encontrava-se asfixiada. Pelbart (2016) salientou, na época, que a imaginação política da juventude destravou-se, sem, no entanto, entrar em uma "esfera sonhadora e desconectada da realidade". A força da ação das e dos estudantes secundaristas instigava-me a pensar em como poderíamos reocupar a escola e a universidade, depois daqueles dois anos que ficamos afastados dos prédios, sem contato físico com crianças, adolescentes, juventudes e pessoas adultas. Apostei na possibilidade de encher, tanto uma como a outra – escola e universidade -, de vida, tendo, nas práticas artísticas, uma possibilidade de fazer germinar possibilidades que até então eram impensadas por mim (e talvez por outras tantas pessoas).

Mais recentemente, essa minha aposta já tem gerado brotações nos imaginários das e dos docentes em formação, que me acompanham em atividades que envolvem a "curricularização da extensão" nos cursos de graduação. Por ser um professor que atuo em um curso de licenciatura, tenho priorizado, em minhas ações, atividades que envolvam as escolas, pois, assim, deixamos de falar "sobre" a educação, a docência e a escola, para trabalhar "com". Tal como descrito por Nilda Alves e Carlos Ferraço: "uma das coisas que temos aprendido e tentado garantir em nossos estudos com os cotidianos escolares é assumir os sujeitos cotidianos não só como sujeitos da pesquisa, mas, também, como nossos *autoresautoras*" (Ferraço, Alves, 2015, p. 308).

Assim, encontrei um modo de "estar junto", "com" as alunas e aluno *na e com a* escola, em uma convivência na qual podemos aprender produzir saberes coletivamente. Diferentemente das atividades que são realizadas no estágio curricular supervisionado, em que as e os estudantes de licenciatura estão em sala de aula, sob um princípio avaliativo (que busca demonstrar preparo para a docência), as atividades que buscam integralizar a carga horária de

agosto de 2016, quando foi afastada definitivamente de seu cargo, sem que tenha cometido nenhum crime de responsabilidade fiscal. O próprio parlamento afastou-a sem retirar os seus direitos políticos. Diante disso, o impeachment foi reconhecido nacional e internacionalmente como um "Golpe de Estado Político-Parlamentar".

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

extensão nos cursos de graduação possibilitam-nos horizontalizar a nossa relação. Com isso, a escola deixa de ser um objeto em si (desligada de nossas subjetividades) e passamos a frequentá-la para gerar com ela conhecimentos sobre educação, docência e práticas escolares. Juntos – eu, as estudantes e os estudantes- somos capazes de ouvi-la e senti-la de tal maneira, que instituímos um outro regime de partilha de nossas sensibilidades.

A produção de saberes sobre a docência com a escola, com as crianças e com estudantes de licenciatura em formação

A ação extensionista que vivenciei junto com as e os estudantes ocorreu entre agosto e setembro de 2023. A atividade era parte de um projeto que vinha sendo realizado com a escola - onde ocorreu a atividade-, sobre "arte contemporânea, sustentabilidade e territórios". Em uma das atividades, fomos até o Museu Carlos Ritter, um museu de ciências naturais localizado na cidade de Pelotas (RS)[8]. A visita àquela instituição foi feita com o intuito de dialogarmos com as crianças sobre o meio ambiente, pois o território geográfico em que vivemos está localizado no Bioma Pampa. O "Pampa" é um dos seis Biomas brasileiros que possui, como uma de suas características, a forte integração entre as pessoas e a natureza[9]. Enquanto aguardávamos o momento de adentrarmos ao espaço museológico, fazíamos uma conversa com as crianças sobre o papel de um museu na sociedade. Entre uma história e outra, perguntamos para as crianças o que elas guardariam em um museu, caso pudéssemos construir um museu sobre o nosso tempo. A resposta mais repetida pelas crianças, foi arma, ou seja, para elas, um objeto que caracterizaria nossa atualidade seria as armas.

Aquela resposta mostrou-nos que era preciso escuta. Entendemos que era necessário ouvir as crianças, sem julgá-las, pois ali havia algo para pensarmos sobre os sentidos da docência nos cotidianos daquela escola, daquelas alunas e daqueles alunos (ao mesmo tempo que entendi, que eu deveria ouvir as e os estudantes em formação para a docência, pois aquela situação desestabilizou-nos instantaneamente). A visita ao museu ocorreu conforme o esperado,

[8] O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter é um órgão suplementar do Instituto de Biologia da UFPel e preserva o acervo de Carlos Ritter. O museu possui basicamente espécimes de História Natural, dividindo seu acervo entre a coleção científica e a didática para exposição. O museu apresenta uma rica mostra da diversidade da fauna local. Para mais informações, ver: https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/museu-de-ciencias-naturais-carlos-ritter/

[9] Para saber mais sobre o Bioma Pampa, ver: https://antigo.mma.gov.br/biomas.html

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

mas tivemos que repensar algumas questões que estavam previstas, pois aquele diálogo com as crianças mostrava-nos pistas interessantes para pensar o trabalho docente. Assim, propusemos um percurso com quatro encontros semanais, todos eles realizados na escola, em um período de aproximadamente 90 minutos[10]. A cada semana, trabalhávamos a partir de uma questão, a saber:

- Percurso I – "o que sabem as crianças?". A intencionalidade do primeiro encontro tinha, como intuito, conhecer as crianças e estabelecer um laço afetivo do grupo com a turma; além de mapear o que as crianças sabiam sobre arte, sobre as materialidades artísticas e a apresentação de artistas e propostas que dialogassem com a ação que pretendíamos realizar.
- Percurso II – "que saberes fazem parte dos cotidianos das crianças?". A intencionalidade do segundo encontro tinha, como intuito, encontrar pistas sobre quais os saberes constituíam os cotidianos das crianças e quais as vivências que elas tinham em seus territórios.
- Percurso III – "o que as crianças sabem do mundo?". A intencionalidade do terceiro encontro tinha, como intuito, a realização de uma conversa com as crianças sobre suas experiências de mundo, seus entendimentos sobre problemas que estavam em seu entorno.
- Percurso IV– "o que queremos contar ao futuro, sobre o que esperamos dele?". A intencionalidade do quarto encontro era a construção de uma proposição artístico-pedagógica que articularia as atividades desenvolvidas pelas crianças nas semanas anteriores para que elas narrassem as suas experiências do mundo, bem como de seus sonhos, desejos e expectativas sobre um futuro por vir.

Nenhuma das perguntas que orientavam nossos percursos pretendia alcançar uma resposta. Também não nos interessava o escrutínio do pensamento das crianças que frequentavam as turmas do ensino fundamental, muito menos buscávamos elementos para

[10] As e os estudantes da licenciatura organizaram-se em duplas e trios e cada grupo trabalhou com uma turma de crianças, de acordo com a organização de seriação da escola. Os horários eram definidos pela escola com base na grade horária semanal de atividades das crianças, pois nosso intuito era viver a escola, alterando, o mínimo possível, seu funcionamento.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

apontar a ineficiência da escola. Entendíamos, no entanto, que aqueles percursos poderiam gerar aprendizagens coletivas sobre a docência, assim tais questões eram convites que abriam possibilidades de diálogos realizados, posteriormente, na universidade - as atividades na escola eram concomitantes com as aulas na universidade, de modo que os roteiros de trabalhos eram ajustados conforme o processo era vivido. O trabalho com as crianças envolveu distintas práticas artísticas, desde as mais tradicionais, como o desenho e a pintura em folha A4 até produções mais conceituais, incluindo produção de carimbos, maquetes e objetos tridimensionais. Tínhamos, no entanto, um denominador comum para o fechamento da ação com as crianças, cada grupo deveria construir um "objeto vestível". Chegamos a essa proposição, pois, diante da resposta das crianças no museu, percebemos que tínhamos um desafio de construir com as crianças uma ideia de "amanhã", uma ideia de mundo que fosse além daquela representada por elas e eles, pelo signo de uma arma. Para isso, tomamos, como inspiração metodológica, as produções de Bispo do Rosário e Ronaldo Fraga.

Arthur Bispo do Rosário(1909-1989) foi um interno da Colônia Penal Juliano Moreira (RJ) entre os anos de 1938 e 1989. Homem negro que carregava estigmas de marginalização social, que, ainda hoje, recaem sobre muitas pessoas em nosso país. Acusado de louco e incapacitado, foi asilado em um hospital psiquiátrico. O seu imaginário permitiu que ele subvertesse a lógica excludente e, assim, Bispo do Rosário propôs uma ressignificação do universo, deu novo sentido à sua existência e permitiu que nossa relação com esse mesmo mundo fosse expandida, a partir de suas criações. Entre os objetos que ele produziu estão os mantos (Figura 1), considerados como um tipo de inventário do mundo, que seriam utilizados diante das divindades para reivindicar a criação de um novo mundo sem miséria, doenças e sofrimento[11].

[11] Para saber mais sobre Arthur Bispo do Rosário, ver: https://museubispodorosario.com/

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Figura 1 – Arthur Bispo do Rosário vestindo o Manto da Apresentação (sem data).

Fonte: https://periodicos.furg.br/momento.

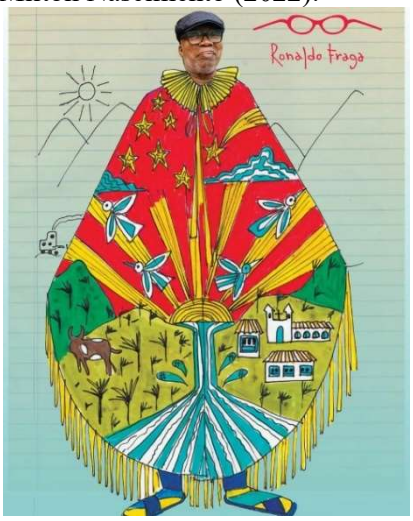
Anos mais tarde, em 2022, o estilista brasileiro Ronaldo Fraga partiu das produções de Bispo do Rosário para criar os figurinos da última turnê do cantor brasileiro, Milton Nascimento[12]. Como um encontro de universos, passado e presente encontraram-se, sem, no entanto, permitir a possibilidade de antever o futuro, nem mesmo intervindo no amanhã. As imagens das produções - de Bispo do Rosário e Ronaldo Fraga- criaram um umbral que nos permitiu experimentar a nossa imaginação com as crianças. Propomos pensar no modo como nos apresentaríamos ao futuro: quais reinvindicações faríamos a ele (o futuro), diante daquele mundo que vivíamos? A proposta oferecia, às e aos estudantes em formação para a docência, elementos para uma possível reflexão sobre quais mundos eram sonhados por elas e eles em um curso de licenciatura, diante de crianças em uma escola. Mesmo a proposta sendo realizada com as crianças, o que estava em jogo era o imaginário daquelas e daqueles docentes em formação – em um exercício que colocava o presente e o futuro, um diante do outro- para pensar os desafios na/da docência, para além das expressões prescritivas, frequentemente, utilizadas para definir os rumos da educação.

[12] As produções de Bispo do Rosário já haviam sido utilizadas pelo estilista em outras criações nos anos 1990. Para saber mais sobre as roupas criadas pelo estilista brasileiro Ronaldo Fraga para a última turnê de Milton Nascimento, ver: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/milton-nascimento-tera-figurino-inspirado-em-bispo-do-rosario-em-sua-despedida.shtml

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Figura 2 – Croquis das roupas desenhadas por Ronaldo Fraga para a última turnê do cantor Milton Nascimento (2022).



Fonte: https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2022/05/ronaldo-fraga-mostra-detalhes-de-figurino-de-ultima-turne-de-milton-nascimento.html

O encontro com as crianças e com a escola ao longo de quatro semanas permitiu-nos identificar vários temas para pensarmos nos desafios que temos em relação à docência na/da atualidade. Neste texto, são apresentados três aspectos, a saber: o entendimento que crianças sabem mais coisas do mundo do que somos capazes de reconhecer; o diálogo com as crianças enquanto possibilidade de afirmação de si mesmas; a percepção das crianças do mundo ultrapassa nossas definições sobre elas. A partir deles, proponho pensar as articulações entre a docência e a educação básica.

O entendimento que crianças sabem mais coisas do mundo do que somos capazes de reconhecer

Ao iniciarmos a elaboração dos roteiros que orientaram os percursos das atividades, as e os estudantes tinham um certo receio sobre a leitura de mundo das crianças. Para elas e eles, seria preciso levar exemplos sobre questões que atravessavam o contexto que vivíamos (como os ciclones ocorridos entre julho e setembro daquele ano, os episódios de enchentes, casos de violência, apenas para citar alguns exemplos). Outro receio das e dos estudantes era o conhecimento sobre o mundo das artes, para elas e eles, as crianças estavam distantes dos conhecimentos artísticos, teriam dificuldade de realizar atividades com materiais distintos e ou

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

de aceitarem trabalhar em outros espaços. No entanto, a convivência com as crianças e com a escola por quatro semanas mostrou variados exemplos sobre as formas utilizadas pelas crianças para descreverem suas relações com o mundo, tal como a familiaridade com determinadas práticas e assunto do mundo das artes.

> (...) É interessante notar, que, durante nossa passagem pela turma, percebemos que as crianças já nomeavam as coisas, já apontavam e questionavam os sentidos de muitas outras. Ao nos depararmos com elas, percebemos que elas já carregavam uma bagagem, já sabiam coisas diversas acerca do mundo e de seu lugar nele, algo que, enquanto professor, creio ser crucial levar em conta, para não subestimar o conhecimento delas e aprender com elas também (...). (Inventário das aprendizagens docentes – Estudante 1, 2023, p.2)

> (...) Elas sabem que umas desenham melhores que as outras, elas sabem que preferem fazer trabalhos em grupo, ou preferem fazer sozinhas, elas sabem se querem desenhar no chão ou nas mesas, elas sabem que a professora delas é um ponto de acolhimento e pelo que pude perceber, possuem um laço de carinho e respeito com ela. Elas sabem onde estão guardados os materiais, elas sabem se relacionar umas com as outras, elas sabem em quem confiar e em quem não confiar dentro do grupo. Elas compreendem a hierarquia da sala. Elas sabem ir em busca de materiais e sabem pedir ajuda quando não conseguem, sabem ouvir, mas possuem grande dificuldade em se expressar (a grande maioria). Elas buscam apoio umas nas outras e, também, afastamento. Elas sabem lidar com a gente, de maneira mais receosa, tímida, mas também explícita e extrovertida. Algumas têm tristeza no olhar, outras têm sede de vida. Pude notar todas essas sabedorias no decorrer dos encontros (Inventário das aprendizagens docentes – Estudante 2, 2023, p.2)

A realização do trabalho com as crianças rompeu com a ideia de "ensinar um conhecimento sobre arte" e foi na direção da produção de uma vivência com as práticas artísticas. Esse giro provocado pelo encontro entre as crianças, as professoras e professores em formação instigou a turma a caminhar na construção de uma atitude docente mais próxima das alunas e dos alunos do ensino fundamental, fazendo-os perceberem que a docência na atualidade não se configura dentro de uma função na qual cabe à professora ou ao professor o papel de levar o conhecimento, como se fosse um guardião ou guardiã de tal saber. Não significa, com isso, que buscávamos provocar uma erosão na dimensão do ensino, pelo contrário, buscávamos uma forma de experimentar o oficio de ensinar, a partir de uma forma de atenção ao outro, ou seja, tratava-se de uma redefinição dos limites que definiam os modos de ser docente até então conhecidos. Ao propormos o ensino de saberes das artes visuais,

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

ressignificamos os saberes das crianças, que, por sua vez, também contribuíram para uma ressignificação dos saberes do campo artístico. Mas o mais importante foi abrir espaços no imaginário daquelas e daqueles docentes em formação, pois compreenderam que, enquanto professores e professoras, também podemos aprender com as alunas e os alunos - desde as crianças até as pessoas adultas.

O diálogo com as crianças enquanto possibilidade de afirmação de si mesmas

A produção de saberes sobre a docência a partir de uma ação extensionista com a escola e com as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental provocou uma abertura no pensamento das e dos estudantes em formação. Se, antes do início das atividades, havia uma certa desconfiança, o encontro com a sala de aula e todas as suas possibilidades demonstrou "a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo", como dizia Freire (2021,p.133). Para muitas e muitos das e dos estudantes, aquela ação inaugurava uma nova posição subjetiva: a do se-estar docente.

> (...) Conversei com alguns alunos da turma sobre como foi a passagem do ciclone onde eles moravam, se havia faltado luz, se havia chovido muito, se havia caído alguma árvore, se elas tinham medo de que uma árvore pudesse cair na casa deles e se deveríamos cortar as árvores para nos protegermos. Admito que tentei fazer uma armadilha para descobrir se eles apoiavam o desmatamento. Não obtive sucesso ao tentar persuadi-los. Uns entraram em um consenso uníssono que precisamos delas, mesmo que elas possam cair sobre nossas casas em situações como aquela que tínhamos vivido. Mas a melhor resposta foi de um aluno que respondeu, que não tinha medo, pois ele sempre escalava as árvores (...). (Inventário das aprendizagens docentes – Estudante 3, 2023, p.1)

> Nesse sentido, um dos maiores aprendizados, talvez, tenha sido o de se colocar de modo a escutar também o que as crianças diziam, para tentar aprender com elas, os melhores caminhos para realizarmos as proposições planejadas. Do mesmo modo, para entendermos melhor quais eram os seus cotidianos, suas visões e suas relações com o mundo. (Inventário das aprendizagens docentes – Estudante 1, 2023, p.12)

As alunas e os alunos compreenderam ao longo de seu contato com as crianças, que a conversa traz muitos mais elementos do que apenas um relato. As palavras, o enredo e a emoção das histórias descrevem o lugar ocupado por elas em seus cotidianos. Essa aproximação que

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

realizamos permitiu – em sala de aula, posteriormente -, uma reflexão coletiva sobre o quanto esquecemos de escutar as e os alunos das escolas, pois interessa uma relação de direção única: ensinar na escola o conhecimento aprendido na universidade. Ao experimentarmos um tipo de ação na qual a convivência envolvia uma troca de aprendizagens, propomos uma relação mais complexa, porque buscamos entrelaçar os saberes do campo artístico (saberes específicos já sistematizados), com os saberes vividos das/pelas crianças, em uma disposição que alargava todas as definições que estavam previamente definidas. O percurso feito com as crianças mostrou as alunas e aos alunos que havia uma aprendizagem mútua ocorrendo em sala de aula.

O diálogo entre a criança e os ou as estudantes de licenciatura oferece-nos uma pista interessante: orientados pela ideia de que conduzimos as trajetórias das aprendizagens em sala de aula, devido ao acúmulo de nossos conhecimentos, acreditamos que conduziremos as alunas e os alunos às respostas que gostaríamos de ouvir. No entanto, os saberes da vida oferecem às crianças pistas para que elas possam ir além daquilo que almejamos que seja falado em nossas conversas, quase como uma afirmação de seu lugar no mundo.

A percepção sobre o mundo

Ao iniciarmos as atividades, as e os estudantes em formação para a docência tinham uma ideia muito restrita sobre a compreensão das crianças em relação ao mundo, as falas beiravam uma certa suspeita de incapacidade. No entanto, a convivência desnaturalizou a ideia de "ingenuidade" associada às crianças e mostrou que, tal como as juventudes e ou as pessoas adultas, elas tinham suas próprias percepções acerca do mundo, ou seja, o olhar delas, as suas atividades cotidianas, o ir e vir delas também era permeado pela produção de sentidos, sobre os seus modos de ser e estar no mundo.

> (...) Na carta para o futuro, dentre tudo o que poderia imaginar, não esperava ver o item "arroz" na lista de uma das crianças. Fiquei surpresa, pois aquele ingrediente básico em nossa alimentação parece fora do universo alimentar infantil. Até imaginava que poderia esperar algo do tipo "sorvete de morango" ou algum outro tipo de doce, mas "arroz e massa" foram listados por esse aluno como algo de importância, algo que ele gostaria de garantir para o seu futuro. Esses relatos podem nos levar a pensar que elas já possuem um saber em relação ao mundo, já notam as casas diferentes das delas. Também sabem que há pessoas que andam de carro, enquanto elas andam a pé e caminham por lugares com mau cheiro, elas sabem que essas pessoas, que aparecem nas

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

> revistas ou que passam de carro por elas, não fazerem parte do seu convívio. Elas conseguem ver que, nas revistas, aquelas casas, que muitos de nós não estamos acostumados, também são casas. Elas encontram objetos que identificam com coisas de casas, mas não encontram nenhuma parecida com a delas. Têm sabedoria de gostos, de cores, de materiais, de maneiras de criar e também já sabem que gostam ou não de se expressar graficamente. Algumas ajudam as outras e nós fingimos, como se não percebêssemos, para poder compreender essa dinâmica entre elas. As conexões, relações, afetos envolvidos. Embora essa injustiça social seja compreendida por elas de alguma forma, na escola, vejo que elas são donas de seus mundos, durante as tarefas de experimentação e criação, elas estavam comprometidas e envolvidas com as propostas. Mesmo que diferente, para cada uma delas, o convívio, o diálogo e a oportunidade de criar, de estar ali, experimentando materiais, era algo único (...). (Inventário das aprendizagens docentes – Estudante 2, 2023, p.2)

Os modos como as crianças descreviam suas relações com o espaço (a cidade, a escola, a casa e o mundo) colocava em visibilidade a disposição delas em produzir significados para aquilo que era vivido. Talvez, em alguns momentos, faltasse-lhes alguma expressão ou palavra e ou imagem para nomear os fatos, mesmo assim, foi possível que as alunas e os alunos reconhecessem o quanto as crianças tinham a nos dizer em relação ao mundo em que vivemos. Talvez seja preciso que tenhamos mais ousadias para provocar rupturas no "adultocentrismo" que permeia nossas práticas na educação superior, em especial na formação inicial de docentes, para aprender com as infâncias outros jeitos de gerar docências.

> Talvez aí seja possível notar o que eles percebem do e no espaço urbano: Sabem que o espaço fora de suas casas tende a ser hostil, pouco acolhedor, um espaço urbano que é majoritariamente destinado aos carros ao invés dos corpos, especialmente os de crianças. Em oposição a isso, a imagem de uma grande casa me levou a pensar, primeiramente, na relação de escala e dos pontos de vista desses corpos pequenos, com o espaço doméstico. Mas também nesse espaço enquanto acolhedor, de afeto, mesmo quanto atravessado por seus problemas (Inventário das aprendizagens docentes – Estudante 1, 2023, p.7)

Entre o início e o fim das ações extensionistas, quem mais aprendeu foram as e os estudantes em formação para a docência. Tal como escreveram André e Araújo (2018,p13), "elas estavam vivendo a potência de serem crianças no presente, no dia a dia (...) afirmando sua presença e força em saberem quem são, para assim saberem para onde seguir". A intensidade do encontro com as crianças gerou deslocamentos que permitiu a produção de

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

saberes sobre a docência na/da atualidade que escapavam a qualquer definição prévia que poderia ser pensada pelas alunas e alunos da licenciatura.

Gerar novas inquietações para pensar as relações entre arte, educação, escola na produção de novos amanhãs

Figura 3 – Avião produzido por uma das crianças durante a ação extensionista (2023).

Fonte: O autor.

À guisa de encerrar o texto, utilizo-me desta imagem que demonstra a produção feita por uma das crianças ao longo da ação que realizamos durante quatro semanas. A aeronave foi construída durante uma atividade sobre o que elas esperavam do futuro. Entre casas, pistas de corrida e carros, estava esse avião, construído por uma das crianças, cujo desejo é ser um piloto de avião. O objeto feito de papelão e fita crepe é tão frágil, quanto a ideia de futuro que temos e ou que podemos oferecer. Vai pouco além de nossa imaginação. Mas, ao olhá-lo, recordei da história contada no documentário "Nostalgia da luz" (2010), de Patricio Guzmán. Em uma das partes do documentário, é narrado um fato que envolveu um grupo de pessoas que estavam presas no campo de concentração de Chacabuco, no deserto do Atacama (Chile), durante a ditadura liderada pelo General Augusto Pinochet (1973-1990). Um dos sobreviventes conta que, diante do horror em que se encontravam, provocaram uma pequena insurgência: observar

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

as estrelas. Para isso, os presos políticos reuniram sucatas encontradas em suas celas e nos espaços de uso comum da prisão e, juntando os saberes de todas as pessoas envolvidas naquele ato de rebeldia, conseguiram improvisar um telescópio, para ver além daquilo que as paredes do cárcere permitiam enxergar[13].

Talvez, para algumas pessoas, pode fazer pouco ou quase nenhum sentido, a proposta de pensar o futuro com estudantes de cursos de licenciatura (seja da área da arte ou de qualquer outra área da educação, de modo geral), mas chegamos em um momento em que nossa imaginação docente é atravessada pelas ruínas de um projeto que tentou nos aniquilar nos últimos anos: a perseguição as e aos docentes por meio de movimentos fundamentalistas e conservadores, campanhas difamatórias contra a escola e universidades, tentativa de censura, corte nos orçamentos e baixos salários, apenas para citar alguns dos tantos motivos que afastam, cada vez mais, as juventudes dos cursos de licenciatura. Diante desse cenário de destruição da carreira docente é preciso fazer o que Edson Souza propôs em um texto no qual ele falava do que deveríamos fazer, diante de um momento em que importantes instituições estavam sendo queimadas pela ausência de investimento na segurança, tal como ocorreu com o Museu Nacional (2018)[14] e com a Cinemateca Nacional (2021)[15]. Ele afirmava:

> A terra queima, nossos pés queimam, nossa memória queima, nosso futuro queima. Mas como verter nosso desespero em um movimento que nos ajude a encontrar uma brecha nesta destruição, recolher algumas cinzas que ainda restam no chão, guardá-las para lê-las como um alfabeto enterrado? Vamos precisar recuperar estas cinzas se ainda sonhamos escrever outros textos desta travessia (Souza, 2021, p. 33)

[13] O documentário "Nostalgia da luz" (2010) teve roteiro e direção de Patricio Guzmán. Retrata as histórias que se entrecruzam no deserto do Atacama (Chile), onde astrônomos de todo o mundo se reúnem para observar as estrelas devido à localização geográfica situada a três mil metros de altitude, o que permite uma boa visualização de corpos celeste. Ao mesmo tempo em que os astrônomos pesquisam as galáxias em busca de vida extraterrestre, mulheres procuram seus parentes na terra do deserto, pois o calor do sol mantém intactos restos humanos. O filme encontra-se acessível pela plataforma digital youtube. Para ver, acesse: https://www.youtube.com/watch?v=hQ6Ml6Aa8g4&t=2190s .

[14] Na noite do dia 02 de setembro de 2018, o Palácio de São Cristóvão que abrigava grande parte do acervo do Museu Nacional foi atingindo por um incêndio de grandes proporções. Este foi o maior desastre da história da instituição. Para mais informações, ver: https://www.museunacional.ufrj.br/see/o_incendio_de_2018.html

[15] O incêndio na Cinemateca Brasileira (localizada na cidade de São Paulo), ocorreu no dia 27 de julho de 2021. Depois de um ano de investigações, a Polícia Federal concluiu que o incêndio foi provocado durante a manutenção feita por uma empresa terceirizada. De acordo com o laudo, a falta de um sistema de detecção de incêndio pode ter contribuído para propagação das chamas, além disso, a falta de investimento na segurança do espaço também contribuiu para o fato ocorrido. Para mais informações, ver: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-29/incendio-na-cinemateca-brasileira-em-sao-paulo-poe-mais-um-acervo-cultural-no-brasil-em-risco.html

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Recolher aquilo que sobrou da escola, da universidade e das políticas de formação inicial de docentes, depois de anos de intensos ataques e perseguição, exige-nos uma forma de atenção e cuidado – não como assistencialismo, mas como generosidade e solidariedade com o futuro. Não me refiro a ideia de futuro como um dia inalcançável, tal como sugerido pelo pensamento moderno. Porém, inspirado por Edson Souza, tenho pensado no futuro como uma utopia praticável, como o instante depois do agora, como o amanhã que está logo ali, a nossa espreita. Tenho assumido essa atitude não por ingenuidade ou romantismo, mas pela possibilidade de me aproximar de tudo aquilo que nos resta, para construir outras possibilidades para seguir com a nossa complexa tarefa – de fazer educação, formar professoras e professores, pesquisar, produzir arte...e...e...e...uma lista interminável de fazeres que temos, diante desse convite de pensar a relação entre docência e educação básica.

É por isso que tenho insistido que, ao pensarmos na docência na/da atualidade, devemos estreitar a distância da escola, não porque alcançaríamos a tão sonhada articulação teoria e prática. Antes, o que esse movimento de aproximação pode vir a nos oferecer é a contribuição para repensarmos a formação de docentes. Ao caminhar ao encontro da escola, temos a possibilidade de compreendê-la em toda a sua força e multiplicidade. A escola de hoje não é igual a de ontem, tampouco a escola na qual as egressas e egressos dos cursos de licenciatura atuarão. Aliás, a escola também não será igual àquela na qual elas e eles realizaram suas práticas de estágio e ou outras atividades vinculadas à graduação. O prédio, talvez seja o mesmo. Talvez, também possam estar lá parte das equipes docentes e ou diretivas. Mas as pessoas serão outras, as pessoas sempre serão outras e, portanto, sempre teremos que conhecer, novamente, a escola.

O trabalho com a escola tem me permitido produzir um saber sobre a docência que é vivo, pois traz a irreverência do pensamento das crianças que lançam suas perguntas e afirmação como um convite, para que possamos entendê-las naquilo que elas são: pessoas. Tal como afirmou Rios (2018, p. 22): “os educadores devem ter consciência de que o rigor e a seriedade ganham seu significado articulados ao afeto, à sensibilidade, na ampliação do conhecimento”.

Ao alargar as possibilidades sobre os modos pelos quais poderíamos pensar as relações entre a docência e a educação básica a partir desse convívio direto com a escola, três aspectos pareceram centrais e sugiro-os como convite para a ampliação dos debates sobre o tema:

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

I) O deslocamento do olhar das e dos estudantes da licenciatura em relação à escola, à docência e às crianças.

II) A desnaturalização de certas afirmações utilizadas na definição tanto da docência, quanto da escola, quanto aprendizagem no contexto de uma sala de aula da licenciatura.

III) A necessidade de abertura pela escuta, pelo diálogo, pela atenção ao *outro* (o outro de si mesmo, a outra pessoa e o mundo), para que sejamos capazes de compor formas de docência que dialoguem com o nosso tempo.

Finalizo com o desejo de que esse compartilhamento faça brotar ideias que permitam a germinação de novas práticas feitas com os saberes artísticos na formação de docentes, com o intuito de que possamos seguir na luta para que a escola seja de fato aquilo que ela deve ser: um lugar em que todos os dias, produzimos um novo amanhã.

Referências

ANDRÉ, Carminda Mendes; ARAÚJO, Vanessa Rosa de. O silêncio, o tempo e o aprender com o coração. **Rebento: revista das artes do espetáculo**, São Paulo, n. 9, p. 01-14, dezembro de 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis n º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 26 fev. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018** - Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponivel em < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 26 fev. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005, 142p.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagensnarrativas na invenção dos currículos e da formação. **Revista Espaço do Currículo**, Paraíba, v. 8, n. 3, p. 306-316, set/dez de 2015.

FOUCAULT, Michel. Pensamento do exterior. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos, volume III**: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense, 2009.p.219-242.

FOUCAULT, Michel**. A ordem do discurso:** aula inaugural no Collége de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20 ed. São Paulo: Loyola, 2010a,79p.

FOUCAULT, Michel**. Arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b, 236p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25ed.São Paulo: Paz e Terra, 2002,143p.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte***:* A/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013, p.27-35.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte, verdade e pesquisa em educação. In: MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel (Orgs.). **Formação de educadores**: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota Editora, 2018, p. 106-118.

MOMOLI, Daniel Bruno. Germinar novos amanhãs para a formação de docentes. In: PILOTTO, Silvia Sell; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. (Org.). **Educação estética**: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades: volume 2. 2ed. Joinville: Editora Univille, 2023, p. 198-218.

MOMOLI, Daniel Bruno. Uma formação outra, é possível? apostas ético-estéticas e políticas para pensar a universidade. In: ROSSETO, Robson; VASCONCELLOS, Sonia Tramujas. (Org.). **Arte, Educação e Formação Docente**. 1ed.São Carlos: Pedro & João, 2022, p. 135-159.

PELBART, Peter Pal. *Tudo o que muda com os secundaristas.* (2016). Recuperado de http://outraspalavras.net/brasil/pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas/. Acesso em 26 fev. 2024.

ROLNIK, Suely. *A hora da micropolítica***.** Disponível em https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/06/07/suely-rolnik-a-hora-da-micropolitica/ Acesso em 26 de fev. 2024.

RIOS, Terezinha A. “E se as unhas roessem os meninos?”: vendo a formação ao modo - ou à moda - da filosofia. *In*: MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

(Orgs.). **Formação de educadores**: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota Editora, 2018, p. 16-25.

SOUZA, Edson Luiz André. Ler as cinzas – trauma, memória e esperança. In: SOUZA, Edson Luiz André. **Imaginar o amanhã:** ensaios e crônicas. Porto Alegre: Diadorim, 2021, p. 32-43.

Submissão em: 03/06/2024
Aceito em: 17/04/2025

Citações e referências conforme normas da:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.